

Autocrítica a completar-se

O PMDB que se dá por progressista tem sido, na realidade e na prática, um PMDB arcaizante, atavicamente agarrado ao nacionalismo dos anos 50 e a um populismo que hoje seria mais funesta que então. Eis aí um juízo a postular uma autocrítica radical do partido, porque proferida com suficiente nitidez, a despeito de uma estudada sinuosidade de expressão, por ninguém mais, ninguém menos que o Deputado José Serra, um "histórico" do PMDB como quem mais o seja.

O PROGRESSISMO do PMDB fica nas intenções, disse o Deputado José Serra em entrevista ao GLOBO, quando se esquece da indispensável modernização, vale dizer, de uma reformulação, na atuação mais ainda que no discurso, face à realidade da economia contemporânea, no Brasil e no Mundo. É porque se esquece, não se dá conta sequer da própria indigência, embarcando no papel ridículo de um progressismo primário, um progressismo ignorante do progresso.

INDIGÊNCIA que fica patente com a ausência de um projeto partidário, para superação da atual crise econômica; de uma proposta política em que se insira um "processo sério de bem-estar e de desenvolvimento". Pior ainda: colhida pela própria imprevisão e apanhada na contrapé pela crise, tudo o que o PMDB soube fazer foi assimilar práticas e processos típicos do

regime autoritário, especialmente a ideia "de que a economia pode se desenvolver através de passes de mágica, de gestos grandiosos e de grandes pocalés".

SEM REVISÃO, sem criatividade e sem inovação, só poderia estar de volta a ciranda das panacéias e dos "milagres". E, assim como os regimes autoritários buscavam nos "projetos-impacto" uma alternativa para a legitimação política, assim também o PMDB de hoje tenta purgar-se, mediante uma improvisação que rala pelo fantástico, do pecado de não ter uma proposta de exercício do poder: saiu-se com um projeto de Constituição em que o Brasil alcança a civilização do lazer sem ter passado por uma civilização do trabalho (as 44 horas semanais de trabalho e a remuneração em dobro das horas-extras); em que, sem dinamismo e equilíbrio da economia se obtém o pleno emprego (a estabilidade adquirida quase de imediato); e em que a expansão se dá às avessas, através do insulamento econômico (desestímulo aos investimentos externos, monopólios, reservas de mercado).

INFELIZMENTE, porém, nem mesmo a lucidez do Deputado José Serra está a salvo de panacéias, eis que, no final da entrevista, propõe, como remédio à atual crise, estrutural e herdada do passado, a redução, via Constituinte, do mandato do

atual Presidente da República. Quer o Deputado paulista salvar o País, ou quer apenas que esse PMDB se salve?

PORQUE, se é necessário "um Governo forte, com legitimidade, com autoridade e eficácia", não será jamais de um partido sem projetos que ele sairá, a menos que se faça um novo apelo à falácia: aos "milagres" e à magia. Fortalecimento, legitimidade e autoridade não se impõem; adquirem-se. E se o PMDB desperdiçou levemente a oportunidade histórica de adquiri-las nos quase três anos em que deteve todo o poder político, cabe-lhe agora recompor-se.

É MAIS um passe de mágica e um engodo populista, querer o PMDB uma nova oportunidade política, à custa da redução do mandato do Presidente da República, ou da modificação do sistema de governo. É burlar a necessidade de redimir-se, de recuperar-se, criando um bode expiatório, para voltar ao poder de cara limpa e de graça — é mais uma fraude daquelas em que o populismo se especializou.

NÃO É só o PMDB que precisa de uma prática coerente com as intenções; é também a crítica paraplacaz e corajosa do Deputado José Serra, tão procedente quanto isenta de qualquer suspeição, que precisa ser levada a suas últimas consequências.